

CONDICIONAMENTO OPERANTE DE ARARA-AZUL-GRANDE (*Anodorhynchus hyacinthinus*) DO ZOOLOGICO MUNICIPAL DE CURITIBA

NEVES, Luana Brizola¹; GUTTIERREZ, Vitoria²; BANEVICIUS, Nancy³; CARVALHO, Vanessa de Freire³; VIDOLIN, Denilton⁴;

¹ Estagiária de pós-graduação em biologia no Zoológico Municipal de Curitiba

² Estagiária de pós-graduação em medicina veterinária no Zoológico Municipal de Curitiba

³ Bióloga no Zoológico Municipal de Curitiba

⁴ Professor, Doutor, na Universidade Estadual de Ponta Grossa
luanabrihneves@gmail.com

Resumo

A arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) é classificada como vulnerável de extinção pela IUCN, 2025, devido a perda de habitat e ao tráfico. Em função da força do bico e a expressão de alguns comportamentos agressivos o seu manejo pode ser arriscado. O condicionamento operante surge como um aliado na redução de estresse, comportamentos negativos e acidentes durante o manejo. No presente estudo, um indivíduo da espécie foi submetido, após etapas de habituação e dessensibilização, ao condicionamento operante e foi demonstrado neste trabalho, o condicionamento operante realizado, assim como a capacidade de associação e resposta a estímulos do animal, evidenciando a eficácia da técnica.

Palavras-chave: Arara, comportamento, condicionamento, manejo,

Introdução

A arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), classificada como vulnerável de extinção pela IUCN, 2025, apresenta comportamento social e curioso, permitindo a aproximação de pessoas. Entretanto, quando mantidas sob cuidados humanos, especialmente em período reprodutivo, podem apresentar comportamentos agressivos. Este padrão não está restrito apenas em ambiente controlado, visto que há registros de aves de vida livre que apresentam comportamentos semelhantes. Esses comportamentos aliados à força do bico trazem risco significativo aos profissionais que manejam e contêm essa espécie (GUEDES, 1995).

Nesse contexto, o condicionamento operante destaca-se como uma ferramenta eficaz para a promoção do bem-estar animal, estimulando comportamentos desejados por meio do reforço positivo, no qual associa-se a execução de determinada ação a uma recompensa. Essa abordagem permite o treinamento voluntário do animal. Além disso, o condicionamento tem como objetivo diminuir a necessidade de contenção física e o tempo de interação direta entre animal e ser humano, reduzindo, consequentemente, o risco de acidentes e promovendo maior segurança tanto para o animal quanto para o tratador (FERNANDEZ & TIMBERLAKE, 2008).

Objetivos

Relatar o condicionamento operante de um indivíduo jovem de arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) que foi condicionado a receber medicação via oral através do uso da seringa e subir na balança para controle do peso.

Metodologia

Um exemplar de *Anodorhynchus hyacinthinus* juvenil, macho, nascido no Zoológico Municipal de Curitiba foi submetido, ainda jovem, ao condicionamento operante no próprio local.

O treinamento foi realizado por um treinador, o treino era realizado de quatro a cinco vezes por semana em sessões de 10 a 15 minutos. Iniciou-se com a habituação juntamente com o início do condicionamento. A habituação ocorreu por meio da oferta de

diferentes alimentos através da grade do recinto, local onde estava acostumado a se alimentar. Quando o animal não se encontrava no local, era utilizado o comando verbal expressado pela palavra “aqui” associado a um comando manual realizado por gestos indicativos, como apontar o local desejado. Dessa forma, simultaneamente a habituação ao treinador o animal era condicionado a se locomover até o ponto indicado e permanecer. Essa etapa foi essencial para promover a aproximação entre o animal e o treinador, assim como a identificação de seus comportamentos e preferências alimentares.

Após adaptação ao comando inicial, com o treinador foi introduzida uma seringa com água que era aproximada ao animal juntamente com o comando “boca”, e a entrada do treinador no recinto. Esta prática teve como objetivo estabelecer a associação entre o estímulo oral e a ingestão do líquido. Quando o animal apresentava comportamentos de medo, evitação ou agia de forma agressiva perante ao objeto ou pessoa, a recompensa não era ofertada. Em contrapartida, respostas positivas como a permanência próxima a seringa, contato com o objeto ou a ingestão da água, eram recompensadas (Figura 1). O comando “boca” tinha o objetivo do animal abrir a boca e ingerir o líquido, a cada comportamento próximo ao esperado, o animal era recompensado com alimento como reforço primário e palavras de afirmação como as palavras “isso” e “sim” eram utilizadas como reforços secundários. Na ausência do clicker, os reforços verbais secundários desempenharam a função de marcadores condicionados, que sinalizavam ao animal qual comportamento expressado estava sendo recompensado.

Figura 1 - *Anodorhynchus hyacinthinus* aceitando a seringa e ingerindo a água fornecida durante o condicionamento.



Fonte: CARVALHO (2023).

A introdução à balança ocorreu após algumas semanas, quando o animal já respondia positivamente ao segundo comando. Nessa etapa ocorreu o processo de dessensibilização e subida voluntária à balança com a mesma estratégia de reforçar positivamente os comportamentos desejados e não recompensar os comportamentos indesejados.

O mesmo comando “aqui” associado a gestos indicativos que apontam o local de permanência eram utilizados com o objetivo de direcionar o animal a subir à balança. De início os comandos foram utilizados para que o animal se aproximasse de forma gradual, favorecendo a dessensibilização e proporcionando maior segurança com relação ao objeto, em seguida os mesmos comandos eram utilizados para a subida na balança. A dessensibilização, a aproximação e a subida na balança ocorreram no mesmo dia, visto que o animal apresentou rápida dessensibilização ao objeto.

Resultados e Discussão

A primeira etapa consistiu na habituação e no condicionamento operante, com duração de quatro semanas e meia, permitindo identificar as preferências alimentares, posteriormente utilizadas como reforço positivo.

Embora a ave não demonstrasse medo ou agressividade à presença do treinador, a introdução da seringa provocou comportamento de evitação principalmente quando próxima ao bico. Nestes momentos, não ocorria a oferta de reforço positivo. Após alguns dias de treinamento, observou-se redução da evitação e maior tolerância ao objeto. Além disso, o animal associou o comando “boca” à ingestão de líquido, relacionando o comportamento desejado à obtenção da recompensa. Com isso, o treinamento passou a ser realizado em dias intercalados durante três semanas, para minimizar o estresse e favorecer a manutenção do comportamento aprendido (DAVIDOFF *et al.*, 2001).

Posteriormente, a introdução da balança associada aos comandos verbais e gestuais indicativos incentivou o deslocamento do animal até o local. Inicialmente, o animal demonstrou comportamentos de evitação e exploratórios, mas ao longo do treinamento a dessensibilização foi efetiva e a ave passou a responder ao comando gradativamente, apoiando inicialmente um dos membros pélvicos sobre o objeto e, posteriormente, subindo completamente na balança para realização da pesagem.

Os resultados demonstraram que o condicionamento operante foi eficaz, facilitando o manejo, reduzindo o estresse associado à contenção física e à interação humano-animal.

Resultados semelhantes foram descritos em diferentes espécies sob cuidados humanos, nas quais o reforço positivo contribuiu para a realização de diversos manejos (ALEXANDRE *et al.*, 2024).

Conclusão

Reforça-se a importância do condicionamento operante na minimização de riscos durante o manejo, facilitando o acompanhamento sanitário e cuidados veterinários, além de contribuir para o bem-estar animal.

Referências

ALEXANDRE, L. L. S. et al. *O condicionamento operante com reforço positivo como facilitador das atividades de manejo em Papagaio Verdadeiro (Amazona aestiva) mantido sob cuidados humanos*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE ZOOLOGICOS E AQUÁRIOS DO BRASIL, 47., 2024. Anais [...]. [S. l.]: AZAB, 2024. Disponível em: [AZAB Amazona aestiva](https://www.azab.org.br/Arquivos/Anais/2024/Anais%20do%20Congresso%20de%20Zool%C3%B3gicos%20e%20Aqu%C3%A1rios%20do%20Brasil%202024.pdf). Acesso em: 8 maio 2026.

BirdLife International. 2025. *Anodorhynchus hyacinthinus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2025: e.T22685516A202613596. <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2025-2.RLTS.T22685516A202613596.en>. Accessed on 30 March 2026.

DAVIDOFF, L. L. Introdução à Psicologia. 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 2001. DEESE, J. & HULSE, S. H. A Psicologia da Aprendizagem. 1ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

FERNANDEZ, E. J.; TIMBERLAKE, W. Applied behavior analysis and zoo animal welfare. Behavioural Processes, v. 78, n. 1, p. 1–9, 2008.

GUEDES, N. Alguns aspectos sobre a biologia reprodutiva e a necessidade de manejo para a conservação da espécie arara-azul. Disponível em : <https://www.institutoararaazul.org.br/wp-content/uploads/2022/05/17.-Guedes-1995-Comportamento-reprodutivo-Arara-Azul.pdf> Acesso em: 26 março 2026.